

BACHELARD E AS HERMENÊUTICAS CONTEMPORÂNEAS

Constança Marcondes CESAR

Puccamp/CNPq/IBF

RESUMO

Tratamos, no presente estudo, de situar a hermenêutica de Bachelard em relação às hermenêuticas contemporâneas.

RÉSUMÉ

On a essayé, dans cet étude, de situer l'herméneutique de Bachelard par rapport aux herméneutiques contemporaines.

Diversos autores abordam, hoje, a história da hermenêutica. De **Verdade e Método** às recentes histórias, há concordância em assinalar, dentre os precursores da meditação contemporânea, Schleiermacher, com sua proposta de uma hermenêutica geral e Dilthey, buscando metodicamente a fundamentação das ciências do espírito, aliada à afirmação da "razão histórica".

Em todo o caso, uma das mais completas apresentações da hermenêutica contemporânea pode ser encontrada no texto de Bleicher, que a define como "teoria ou filosofia da interpretação do

sentido", com ressonâncias no campo da "filosofia das ciências sociais, na filosofia da linguagem e na crítica literária" ¹.

Como Ricoeur, no **Conflito das Interpretações**, Bleicher reconhece, na contemporaneidade, a existência de hermenêuticas rivais, e aponta três tendências dominantes: a) aquela que entende a hermenêutica como teoria geral da interpretação e metodologia das ciências do espírito, buscando analisar a compreensão e estabelecer os cânones, as regras de uma epistemologia que remonta a Schleiermacher e a Dilthey, e encontra em Emílio Betti sua mais alta expressão;

b) a filosofia hermenêutica, que, ultrapassando a abordagem estritamente epistemológica e metodológica, entende a hermenêutica como ontologia e remonta a Heidegger, na sua descrição do Dasein, e a Gadamer, à sua meditação sobre a linguagem, a arte, a história. Questão, não mais de método, mas de definição do homem, ser cuja essência consiste em compreender, e que decifra a história, a si mesmo e ao outro através de uma "fusão de horizontes" e de uma dialógica.

Afirmando que "o ser que pode ser compreendido é linguagem" ², Gadamer pois em primeiro plano a meditação sobre a linguagem, daí extraíndo a universalidade da hermenêutica.

Em aberta polêmica com Betti, a qual se desenrola entre 1954 e 1962, Gadamer, na sua obra, tributária da ontologia heideggeriana, estabelece ainda outro debate, desta vez com

c) a hermenêutica crítica, terceira tendência relevante contemporânea, representada por Habermas e Apel; reportando-se à Escola de Frankfurt e a Marx, trata de combinar "uma abordagem metódica e objetiva com a procura de conhecimento prático" ³.

De 1960 a 1975, Gadamer e Habermas, em sucessivas publicações, lançam uma importante controvérsia, que diz respeito à meditação, por Habermas e Apel, em tomo de uma crítica, que deve ser entendida "na acepção da avaliação das situações conhecidas em face das normas que derivam do conhecimento de algo melhor, já existente no presente, como potencial ou tendência; norteia-se pelo princípio da Razão como necessidade de comunicação e

autodeterminação ilimitadas”⁴, tendo afinidade com a “teoria crítica” da Escola de Frankfurt. A obra de Habermas é, hoje, considerada como uma variante, ou, ao menos, como tributária daquela⁵.

A hermenêutica entendida como crítica volta-se essencialmente a crítica das ideologias e recorre à psicanálise de inspiração freudiana como um dos modelos possíveis da “ciência emancipadora” que relaciona explicação e interpretação⁶.

Bleicher registra a obra de Ricoeur como uma espécie de síntese superadora das três tendências, combinando a questão epistemológica da relação entre explicar e compreender com a decifração dos símbolos e o exame crítico das ideologias.

Outra leitura importante da história da hermenêutica atual é feita por Gilbert Durand em **A Imaginação Simbólica**⁷, no qual distingue entre as hermenêuticas instauradoras, que visam através do exame da linguagem simbólica uma decifração ampliadora do sentido, e as hermenêuticas redutoras, que explicam o ser humano pelo passado, pela sua arqueologia. Dentre as primeiras, Durand inscreve Eliade, Bachelard; nas segundas, Freud, entre outros.

É a partir das duas contribuições ao estudo recente da história da hermenêutica, feitas por Bleicher e Durand, que abordaremos a obra de Bachelard.

Os escritos de Bachelard podem ser vistos como um exemplo das hermenêuticas criadoras, instauradoras, em dois sentidos. Em primeiro lugar, a reflexão bachelardiana, tributária da Escola de Eranos, através de Jung e Eliade, e recorrendo ao método fenomenológico, pode ser entendida como uma hermenêutica filosófica, na medida em que define o homem a partir do devaneio e lança as bases de uma decifração da linguagem artística e poética, com ressonâncias no campo da teoria literária. A hermenêutica de Bachelard propõe uma ontologia do ser humano, entendido como “ser entreaberto”, **anima** com direito ao sonho; uma psicanálise dos complexos de Prometeu, de Novalis, de Empédocles; uma decifração do mito da Fênix.

Em segundo lugar, hermenêutica entendida como epistemologia, decifração de sentido do mundo, meditação sobre o

diálogo entre teoria e objeto de conhecimento, aproximação à verdade, pela contínua reproposição de modelos interpretativos, incessantemente corrigidos.

Não há, em Bachelard, uma hermenêutica, no sentido de crítica das ideologias.

Podemos dizer que sua obra se inscreve no âmbito do debate atual das hermenêuticas, indicando possibilidades de superação dos conflitos, à primeira vista irredutíveis, entre as diferentes tendências, ao propor a decifração do mundo, a decifração dos símbolos e da linguagem poética, e ao sugerir parâmetros para a atuação do cientista.

NOTAS

- (1) **Hermenêutica Contemporânea**, Lisboa, Ed. 70, 1992, p. 13.
- (2) Gadamer, **Verdade e Método**, in Bleicher, op. cit., p. 164.
- (3) Bleicher, op. cit., p. 17.
- (4) idéias., ibid.
- (5) Paul Assoun, **A Escola de Frankfurt**, SP, Ed. Ática, **passim**.
- (6) Bleicher, op. cit., p. 18.
- (7) SP. Ed. Cultrix.